

## DIRETO DO FRONT

### A RÚSSIA E O AFEGANISTÃO PÓS-OTAN: INTERESSES, OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Getúlio Alves de Almeida Neto<sup>1</sup>

No fim do último mês de agosto, os Estados Unidos (EUA) retiraram a totalidade de suas tropas do Afeganistão e evacuaram cerca de 120 mil pessoas do país (SÁNCHEZ-VALLEJO, 2021). Esse processo pôs fim aos vinte anos de presença estadunidense em território afegão, naquela que se tornou a mais longeva guerra perpetrada por Washington e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em resposta aos ataques de 11 de setembro. Além de capturar Osama bin Laden, arquiteto dos ataques, o objetivo da coalizão de forças ocidentais era derrubar o governo Talibã, acusado de abrigar a rede fundamentalista Al-Qaeda. A retirada das Forças Armadas dos Estados Unidos ficou marcada pela imagem trágica de aviões lotados, em cujas asas pessoas se agarraram, (VÍDEO..., 2021), consequência da tentativa desesperada de afegãos de deixarem o país após a retomada rasante do controle de Cabul pelo Talibã, ainda em 15 de agosto (TALIBÃ..., 2021). Soma-se a isso o atentado no aeroporto da capital afegã, em 26 de agosto, reivindicado pelo grupo terrorista Estado Islâmico-Khorasan (EI-K)<sup>2</sup>, que deixou mais de 180 mortos, dentre os quais 13 soldados americanos (PASSA..., 2021). Ademais, o aparente despreparo e desorganização da operação repercutiu negativamente na imagem interna e externa do Presidente dos EUA, Joseph Biden, uma vez que o acordo já havia sido assinado em fevereiro de 2020 pelo governo anterior de Donald Trump (PALOMO, 2021), levantando questionamentos sobre a pressa de Biden para retirar as tropas americanas sem o planejamento devido.

Após duas décadas de presença dos EUA em solo afegão — com a tentativa de instaurar um governo de moldes democráticos ocidentais e construir um aparato de forças armadas nacionais afegãs — os esforços iniciais parecem agora em vão. Com o vácuo deixado pela retirada de tropas ocidentais, surge o questionamento sobre a reconfiguração

---

<sup>1</sup> Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação ‘San Tiago Dantas’ (Unesp, Unicamp, PUC/SP). Membro do Observatório de Conflitos do GEDES.

<sup>2</sup> Braço do Estado Islâmico Afeganistão, na região de Khorasan - que também engloba Paquistão e Irã. É contrário tanto aos EUA quanto ao Talibã e é considerado ainda mais violento que o último (VERNENICZ, 2021).

das relações de poder na Ásia Central como um todo, e na forma como os governos dos países da região irão lidar com o Talibã. Sobretudo, o papel a ser desempenhado adiante pelas principais potências regionais — em destaque Rússia, Índia e China — passa a ser de grande interesse internacional, seja no âmbito acadêmico, político ou midiático. Nessa breve análise, analisaremos em específico o caso da Rússia, buscando salientar seus interesses na região e os desafios que se impõe a Moscou neste novo cenário.

Como apontado por Trenin (2010), a Rússia teve, historicamente, pouco interesse no Afeganistão em si. Não obstante, o posicionamento geográfico do país e a ascensão do governo Talibã se apresentam como desafios impostos à Rússia em um contexto maior de sua política externa. Nesse sentido, as ações tomadas pelo Kremlin em relação ao Afeganistão costumam ser calculadas conforme sua estratégia de posicionamento internacional, seja no âmbito regional da Ásia Central, na qual se encontram cinco ex-repúblicas soviéticas sobre as quais Moscou reivindica primazia como sua esfera de influência — nomeadamente Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão — ou a nível global, frente a Washington e Pequim, num concerto de potências.

É importante destacar que o modo pelo qual a Rússia se posiciona em relação ao Afeganistão é feita à luz da memória da Guerra Afegã-Soviética (1979-1989), que resultou em aproximadamente 14.300 combatentes russos mortos e 50 mil feridos; contribuiu para a queda do regime comunista da URSS, e gerou um enorme trauma na sociedade russa, comumente chamado de “Síndrome Afegã”. O conflito passou a ser também caracterizado como o “Vietnã da União Soviética”, em alusão à Guerra do Vietnã empreendida pelos EUA, no qual um exército irregular conseguiu derrotar a poderosa potência militar (COHEN, 2013; STONER, 2015). Em razão da experiência fracassada ao longo da década de 1980, Moscou se absteve de contribuir de maneira direta com a ocupação das forças da OTAN a partir de 2001. No entanto, observa-se o apoio indireto da Rússia à coalizão ocidental ao longo das duas décadas.

Tal apoio deu-se, majoritariamente, em dois campos: político e logístico-militar. No caso do primeiro, a Rússia deu o aval para a invasão de tropas dos EUA e OTAN, no âmbito do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), ainda em 2001. De fato, Vladimir Putin foi o primeiro chefe de Estado a entrar em contato com George W. Bush após os ataques de 11 de setembro. Além disso, a Rússia tampouco se opôs à criação de

duas bases aéreas para uso das forças da OTAN - Manas, no Quirguistão e Karshi-Khanabad, no Uzbequistão. No campo logístico-militar, Moscou também exerceu papel crucial nas operações da coalizão, em especial entre 2009 e 2015, quando possibilitou, via a *Northern Supply Network*<sup>3</sup>, o fornecimento de equipamentos e suprimentos militares e não-militares à Força Internacional de Apoio à Segurança (ISAF, na sigla em inglês)<sup>4</sup> (STONER 2015). De forma também inesperada quanto à cooperação entre Rússia e EUA/OTAN, Washington fez uma ordem de compra de 86 helicópteros militares MI-17, produzidos na Rússia, para equipar as forças afegãs a partir de 2016 (DeYOUNG, 2013).

A forma como a Rússia se posicionou no caso da invasão estadunidense ao Afeganistão contrasta com a tradicional crítica feita por Moscou a Washington, como visto nos casos das guerras do Kosovo e do Iraque; no apoio dado às revoltas da chamada Primavera Árabe, e nas pretensões de expansão do bloco militar ocidental para países do Leste Europeu, como Ucrânia e Geórgia. Essa postura mais cooperativa pode ser explicada, em um primeiro momento, a partir do caráter de sua ação legal no âmbito internacional. O fato de que a intervenção no Afeganistão tenha sido aprovada pelo CSNU, no qual possui assento permanente e com direito ao veto, garantia, naquele momento, a imagem da Rússia como grande potência que participa do concerto mundial junto com as outras potências, e fornecia o elemento jurídico-normativo necessário para as incursões militares que, por sua vez, também servem à narrativa russa de que os outros casos acima citados se tratam de meras intervenções unilaterais e agressivas dos EUA sem respaldo no Direito Internacional. Em outra análise, o apoio de Vladimir Putin aos Estados Unidos em relação à invasão do Afeganistão, em 2001, pode ser explicado pelo contexto da Segunda da Guerra da Chechênia daquele momento, uma vez que justificaria a própria ação de seu governo em território checheno contra combatentes treinados e apoiados pelo Talibã, único governo a reconhecer a independência chechena a nível internacional (STONER, 2015).

Nesse sentido, é preciso entender quais os motivos que explicam tal diferença no posicionamento russo, a partir dos interesses e preocupações do país com relação ao caso afegão. Conforme analisa Trenin (2010), Moscou observa o Afeganistão sobretudo sob o

---

<sup>3</sup> rota que começou a operar em fevereiro de 2009 que atravessa os países bálticos, Rússia, e países da Ásia Central, até chegar ao Afeganistão. Foi encerrada em maio de 2015 (DALY, 2015).

<sup>4</sup> missão estabelecida pela Resolução 1154 do Conselho de Segurança da ONU, em 2001. O objetivo da ISAF era estabelecer a segurança das áreas da capital Cabul e seus arredores e auxiliar na formação e treinamento de novas forças de segurança e defesa do Afeganistão (UNITED NATIONS, 2001).

prisma da segurança, em especial no que se refere a dois temas centrais: 1) tráfico de drogas; 2) estabilidade regional. A esses dois elementos, adicionamos as implicações dos desdobramentos no Afeganistão — e na região como um todo — para as relações entre as potências mundiais e a imagem da Rússia. Ainda que haja interesses econômicos, os três elementos citados anteriormente se sobrepõem a estes no momento da formulação da política do Kremlin em relação ao Afeganistão.

Quanto ao tráfico de drogas, destaca-se a produção de ópio no Afeganistão, cujo fluxo à Rússia costuma ser citado por analistas como uma das principais ameaças percebidas pelo Kremlin em relação ao país, devido ao enorme consumo de heroína oriunda do Afeganistão. Em 2010, o montante atingia 70 toneladas, o equivalente a 21% do total mundial. Não obstante, os registros de consumo da droga apontam que a produção e o tráfico de heroína no Afeganistão aumentaram após a deposição do governo Talibã - segundo Viktor Ivanov, diretor do Serviço Federal de Controle de Drogas da Rússia - em 2010 a produção no Afeganistão havia crescido 44% em relação ao início do século (LARUELLE, 2011; TRENIN, 2010). Para enfrentar o problema, a Rússia passou a promover reuniões com representantes do Afeganistão, Paquistão e Tadjiquistão (COHEN, 2013). Em 2012, o governo russo sugeriu a criação de uma agência multinacional antidrogas sob a égide da Organização para Cooperação de Xangai (OCX). Ainda, Moscou se comprometeu, entre 2011 e 2013, a aumentar o auxílio financeiro à Agência Estatal de Controle de Drogas do Tadjiquistão (LARUELLE, 2011). Com esse cenário em mente, pode-se afirmar que, mais importante para a Rússia do que quem governa, de fato, Cabul, é a estabilidade do governo afegão e as medidas tomadas para diminuição do fluxo de drogas para consumo interno na Rússia.

No que tange à estabilidade regional, o maior receio russo é de que a volta do governo Talibã permita a ascensão de movimentos islâmicos extremistas nos países da Ásia Central, como no caso do Movimento Islâmico do Uzbequistão (MIU) e do grupo Hibz ut-Tahrir, que atuam tanto em território uzbeque como tadjique e possuem conexões com Talibã e Al-Qaeda. (LARUELLE, 2011) Além disso, há o receio de o país se torne novamente, como era durante o primeiro governo do Talibã (1996-2001), um reduto para treinamento, apoio e esconderijo para movimentos extremistas separatistas na Chechênia e outras regiões da fronteira sul russa, ou outras redes terroristas de atuação internacional, como a própria Al-Qaeda.

Os fatores acima ajudam a explicar a anuência russa — ainda que em alguns momentos crítica — à permanência de tropas da OTAN em território próximo a sua fronteira. No entanto, autores destacam como sempre houve, no âmbito doméstico russo, uma divisão a esse respeito. Um primeiro grupo defendia a manutenção das tropas da OTAN em solo afegão de maneira que, ao mesmo tempo em que impediam o ressurgimento do Talibã, se viam presos em uma guerra longa e sem a possibilidade de uma vitória definitiva, enquanto os russos estariam prontos para negociar com o grupo radical afegão quando fosse necessário. Um segundo grupo defendia uma cooperação ainda mais forte com os Estados Unidos, que permitiria, em um futuro de resolução do conflito, a defesa dos interesses russos na região. Ainda, identificava-se um terceiro grupo, que considerava que o sucesso da coalizão ocidental já seria de interesse da Rússia, uma vez que impediria o espalhamento dos ideais do Talibã pela região. Essa mistura de sentimentos em relação à presença de tropas da coalizão ocidental próximas à fronteira russa fez com que o país adotasse um apoio modesto ao governo afegão e às operações da OTAN (TRENIN, 2010; COHEN, 2013).

Após a retirada das tropas ocidentais e a retomada do controle do território pelo Talibã, a Rússia reagiu com aparente tranquilidade. Segundo o porta-voz russo no Afeganistão, Zamir Kabulov, a (re)ascensão do governo do Talibã era, de certa forma, inesperada, ainda mais de forma tão rápida. Kabulov, contudo, afirmou que a Rússia não teme que o país se torne um Estado terrorista, mas que não iria reconhecer o grupo, ainda considerado como terrorista pelo governo russo. Somado a esses fatores, membros do Talibã garantiram a proteção dos diplomatas russos, cuja embaixada em Cabul permanece até o momento (BONET, 2021). Num primeiro olhar, a ausência de forças ocidentais ocupando o Afeganistão parece favorecer a narrativa do governo russo de declínio da hegemonia estadunidense e ascensão de um mundo multipolar, marcado pelo novo concerto entre potências e tendência de deslocamento do centro de poder internacional para a região da Eurásia (RÚSSIA, 2016). Ademais, uma análise precipitada poderia sugerir que o governo de Vladimir Putin estaria comemorando o que considera uma derrota de Washington e plenamente satisfeito com a situação atual.

Não obstante, as preocupações e interesses russos vistos acima ajudam a compreender que o momento é de cautela quanto ao assunto. De fato, ainda em agosto deste ano a Rússia realizou exercícios militares e exibição de novas armas a apenas 20

quilômetros da fronteira entre Tajiquistão e Afeganistão (RÚSSIA..., 2021), em conjunto com Uzbequistão e Tajiquistão - que compõe junto com Armênia, Belarus, Cazaquistão e Quirguistão a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC). Assim, o medo de desestabilização regional é de que este leve ao crescente fluxo migratório nos países vizinhos — ou na própria Rússia — e que a eclosão de conflitos leve a que governos dos países membros da OTSC clamem pela ação militar russa que, como visto anteriormente, procura se abster de ter que adentrar novamente o solo afegão.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a retirada de tropas ocidentais e a volta do Talibã ao poder possibilitam a reconfiguração de poder e influência da Rússia na região da Ásia Central como um todo, ao mesmo tempo que implicam em desafios a Moscou, em especial as relações com a China. Como afirmam Fei e Yu (2015, p. 521, tradução nossa), “[a] Ásia Central está imersa em um dilema estratégico, no qual cada passo dado por um ator regional é necessariamente ambíguo pelo medo de que outro ator regional irá tirar vantagem”. De forma tácita, os dois países passaram a dividir, nas últimas décadas, um compartilhamento de responsabilidades e influências na região. Enquanto Pequim se encarrega da esfera econômica, principalmente através do desenvolvimento regional através da iniciativa da chamada Nova Rota da Seda, Moscou se coloca como o guardião da segurança e estabilidade regional. Destarte, o vácuo de poder deixado por Washington pode favorecer o amadurecimento das prerrogativas e políticas da Organização para Cooperação de Xangai.

Criada em 2001, mesmo ano da invasão ao Afeganistão, a OCX tem como objetivos principais lidar com questões de segurança como o terrorismo, extremismo e separatismo, mas ainda não conseguiu avançar em sua relevância. Isso se deve principalmente ao fato de que Rússia e China divergem quanto aos progressos institucionais. Enquanto Moscou gostaria de aprofundar questões de cooperação para segurança, Pequim almeja avançar na integração econômica do bloco, no qual possui muito mais poder de influência do que a Rússia (STRONSKI; SOKOLSKY, 2020). Por essa razão, o Kremlin receia que um aumento da influência chinesa na região possa relegar ao país um papel secundário na Ásia Central sob a sombra da potência chinesa.

Em suma, a realidade no Afeganistão pós-OTAN, marcada por um novo governo Talibã, cria um cenário de enormes desafios, mas também oportunidades para a Rússia. Conquanto o governo Putin receie a volta de movimentos extremistas islâmicos na região,

e continue a considerar o Talibã como organização terrorista, a saída das forças estadunidenses pode ser vista como uma oportunidade de novo espaço de atuação de Moscou - ainda que com a participação da China e outras potências regionais - com moldes definidos sem a participação de Washington , ao menos no momento atual, que poderiam alçar o país a imagem de estabilizador regional e, conseqüentemente, aumentar sua influência sobre as ex-repúblicas soviéticas, tornando-se mais um elemento de reivindicação de seu status enquanto grande potência no cenário internacional.

A seu favor, o governo russo tem como principal elemento o pragmatismo da política externa da Era Putin, na qual as relações internacionais costumam ser pautadas sobretudo sob o prisma da segurança, baseada no reconhecimento mútuo entre os interesses das potências, não-interferência interna e estabilidade política. Dessa forma, o Kremlin, assim como Pequim, tem maior espaço de manobra para negociações com o governo do Talibã do que as potências ocidentais, uma vez que a pressão doméstica sobre estes governos costuma ser muito maior no que tange a questões como respeito aos direitos humanos. Mantida a esfera de influência do Talibã apenas dentro do Afeganistão, com garantia de a estabilidade regional; não apoio a movimentos extremistas; e diminuição do fluxo de drogas, é provável que o cálculo a ser feito por Moscou em relação a Cabul culmine no reconhecimento do Talibã como governo *de facto* afegão. Por fim, o histórico das invasões ao Afeganistão, seja a soviética ou sob a égide OTAN, torna improvável que Moscou decida agir militarmente em solo afegão, pelo menos a curto prazo. Em detrimento da abordagem beligerante, o vácuo deixado por Washington possibilita a oportunidade de um concerto de potências regionais no que se refere à manutenção da estabilidade regional<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Após o fechamento desta edição, outro passo na direção do reconhecimento de facto do governo Talibã pelo Kremlin ocorreu em 20 de outubro. Na data, Moscou sediou um encontro que reuniu representantes da China, Irã, Paquistão e das cinco ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central com líderes do Talibã e fizeram o apelo à ONU pelo envio de ajuda humanitária ao Afeganistão, cuja maior parcela de custeio deveria ser de responsabilidade das forças que ocuparam o país ao longo dos últimos 20 anos. Na ocasião, o Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, criticou a ausência dos EUA no encontro, elogiou a capacidade de estabilização do país pelo Talibã, mas admitiu preocupação com possibilidade de avanço do terrorismo na região. Apesar de ser mais um passo rumo ao reconhecimento de facto do governo Talibã pelo Kremlin, Zamir Kabulov reafirmou que o reconhecimento oficial só virá no momento de respeito aos direitos humanos e inclusão de minorias no contexto afegão (RÚSSIA..., 2021).



## REFERÊNCIAS

- BONET, Pilar. Rússia aposta em domesticar o Talibã no Afeganistão. **El País**. 17 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-08-17/russia-aposta-em-domesticar-o-taliba-no-afeganistao.html>. Acesso em: 30 set. 2021.
- COHEN, Ariel. How the US Withdrawal from Afghanistan Will Affect Russia and Central Asia in **Central Asia After 2014**. Strategic Studies Institute, US Army War College. 2013.
- DALY, John C. K. Russia Shatters Northern Distribution Network. **Eurasia Daily Monitor**. v. 12. n. 111. June 15, 2015. Disponível em: <https://jamestown.org/program/russia-shatters-northern-distribution-network/>. Acesso em: 30 set. 2021.
- DeYOUNG, Karen. Congress fuming over U.S. purchase of Russian helicopters for Afghanistan. **The Washington Post**. July 12, 2013. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/world/national-security/congress-fuming-over-us-purchase-of-russian-helicopters-for-afghanistan/2013/07/12/33aecde0-ced0-11e2-8f6b-67f40e176f03\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/congress-fuming-over-us-purchase-of-russian-helicopters-for-afghanistan/2013/07/12/33aecde0-ced0-11e2-8f6b-67f40e176f03_story.html). Acesso em: 30 set. 2021.
- FEI, Gao; YU, Xiao. What Can the Shanghai Cooperation Organization and China Bring to Post-2014 Afghanistan? *Asian Perspective*, Oct.-Dec. 2014, v. 38, n. 4, Special Issue: The Impact of Post-2014 Afghanistan on Asia Regional Security (Oct.-Dec. 2014), p. 519-540.
- LARUELLE, Marlène. Russia's strategies in Afghanistan and their consequences for NATO. **NATO Defence College**. Rome. n. 69. Nov. 201. p. 1-11.
- PALOMO, Elvira. Retirada titânica do Afeganistão ofusca 20 anos de trabalho: “mais fácil começar a guerra do que acabar”. **El País**. Madri. 30 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-08-30/retirada-titanica-do-afeganistao-ofusca-20-anos-de-trabalho-mais-facil-comecar-a-guerra-do-que-acabar.html>. Acesso em: 30 set. 2021.
- PASSA de 180 o número de mortos em atentado no aeroporto de Cabul. **G1**. 27 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/27/mortes-atentado-aeroporto-cabul.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2021.
- RÚSSIA faz exibição de novas armas em exercícios militares perto do Afeganistão. **Reuters**. 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/russia-faz-exibicao-de-novas-armas-em-exercicios-militares-perto-do-afeganistao/>. Acesso em: 30 set. 2021.
- RÚSSIA recebe Talibã e pede ajuda internacional ao Afeganistão. 21 out. 2021. **Deutsche Welle**. Disponível em: <https://p.dw.com/p/41wX2>. Acesso em: 25 out. 2021.
- RÚSSIA. Ministério de Negócios Estrangeiros. **Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation**. 2016. Disponível em: [https://www.mid.ru/en/foreign\\_policy/official\\_documents/-/asset\\_publisher/CptICkB6BZ29/content/id/2542248#:~:text=The%20Russian%20Federation's%20foreign%20policy,ensure%20solid%20and%20equal%20security](https://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICkB6BZ29/content/id/2542248#:~:text=The%20Russian%20Federation's%20foreign%20policy,ensure%20solid%20and%20equal%20security.). Acesso em: 29 out. 2020.



SÁNCHEZ-VALLEJO, María Antonia. Retirada das tropas do Afeganistão encerra a guerra mais longa dos Estados Unidos. **EL PAÍS**. Nova York. 30 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-08-30/retirada-de-tropas-do-afeganistao-encerra-a-guerra-mais-longa-dos-estados-unidos.html>. Acesso em: 30/09/2021.

STONER, Kathryn. Russia's 21st Century Interests in Afghanistan: Resetting the Bear Trap. *Asian Survey*, v. 55, n. 2 (March/April 2015), p. 398-419.

STRONSKI, Paul; SOKOLSKY, Richard. Multipolarity in Practice - Understanding Russia's Engagement With Regional Institutions. **Carnegie Endowment for International Peace**. January 08, 2020. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2020/01/08/multipolarity-in-practice-understanding-russia-s-engagement-with-regional-institutions-pub-80717>. Acesso em 22 mar. 2021.

TALIBÃ volta à capital do Afeganistão 20 anos após ser expulso pelos Estados Unidos. **G1**. 15 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/taliba-cabul-20-anos-depois.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2021.

TRENIN, Dmitri. Russia. in: MATHEWS, Jessica T. **Is a regional Strategy viable in Afghanistan?** Carnegie Moscow Center. 2010. p. 71-80.

UNITED NATIONS. Security Council. S/2001/1154. Letter dated 2001/12/05 from the Secretary-General addressed to the President of the Security Council. **Agreement on Provisional Arrangements in Afghanistan pending the re-establishment of permanent government institutions**. 5 dez. 2001. Disponível em: [https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/AF\\_011205\\_AgreementProvisionalArrangementsinAfghanistan%28en%29.pdf](https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/AF_011205_AgreementProvisionalArrangementsinAfghanistan%28en%29.pdf). Acesso em: 30 set. 2021.

VERENICZ, Marina. O que é o Estado Islâmico Khorasan, também conhecido como ISIS-K? **Carta Capital**. 28 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-que-e-o-estado-islamico-khorasan-tambem-conhecido-como-isis-k/>. Acesso em: 30/09/2021.

VÍDEO mostra pessoa caindo de avião decolando do Afeganistão, diz agência. **G1**. 16 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/16/video-aviao-decolando-afeganistao.ghtml>. Acesso em: 30/09/2021.

## HAITI, VIOLÊNCIA E RECONDUÇÃO POLÍTICA

Vanessa Braga Matijascic<sup>1</sup>

O assassinato do presidente Jovenel Moise, em meados deste ano, despertou a atenção de muitas pessoas ao redor do mundo sobre o que poderia ter acontecido após anos de Missão das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH, 2004-2017). Isso sem mencionar tantas outras dos anos 1990. Ocorreu nova afronta contra a democracia no país? Existem gangues que querem demover o presidente do poder? Existe intervencionismo externo com planejamento de assassinato? Todas as perguntas levantadas são pertinentes e passíveis de compreensão a partir de uma investigação minuciosa a revelar as entranhas políticas ou meramente criminosas, ancoradas na investigação instalada pela polícia haitiana desde julho.

É necessário resgatar que, no caso haitiano, o monopólio do exercício da violência cabe apenas a Polícia Nacional Haitiana (PNH). Isto para que seja possível informar que as forças armadas do país foram extinguidas por decreto presidencial em janeiro de 1995. Vontade esta do presidente Aristide sob o período de recondução do seu governo com a presença da força multinacional (outubro 1994-março 1995) aprovada pelo Conselho de Segurança (S/RES/940). Lembrando que, antes disso, Aristide foi derrubado por golpe de Estado pelo chefe das forças armadas do país em setembro de 1991. Ainda que a clássica weberiana impere, como é possível entender o funcionamento desse parâmetro no país caribenho? E no que isso pode conter de envolvimento com o trágico fim do presidente?

Há algumas décadas, o país é rota do tráfico internacional de ilícitos, em específico, cocaína (SEITENFUS, 1994), o que já rendeu a parceria de autoridades haitianas com o órgão dos Estados Unidos *Drug Enforcement Administration* (DEA) (HAITI..., 2019) em medidas recalcitrantes no que compete o combate de entorpecentes. Tal cenário é semelhante a outros países da América Central, quando a desigualdade econômica e instabilidade política de mais de um século assolam o quadro social e alimentam a rede sedenta do crime organizado por novas colaborações. Com a ausência

---

<sup>1</sup> Professora colaboradora do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (2020) e pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo desde 2018 (financiada pelo CNPq 2018/2019, financiada pelo PART-Pró Reitoria de Pesquisa da USP desde 2020). Professora de Relações Internacionais na FAAP. Doutora em História pela UNESP-Franca (2010-2014). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI-USP) e do GEDES. E-mail: vanessa.matijascic@usp.br

de profundas mudanças na superação da pobreza, reflete-se o ciclo recorrente de foco internacional ao combate de ilícitos, ao invés de promover cooperação internacional para o desenvolvimento econômico no país. Não que essa cooperação não tenha sido prestada ao Haiti, mas o fato é que o auxílio humanitário é emergencial e esporádico, quando as necessidades do país são constantes e não necessariamente supridas inteiramente pelo poder público haitiano. Exemplo disso é a resposta do governo haitiano ainda lenta, ao emergencial contexto pandêmico no que concerne a vacinação (OUR WORLD IN DATA, online).

O Haiti, tem baixo índice de desenvolvimento humano (IDH), e ocupa a posição 170 do ranking mundial. No último relatório do PNUD de 2020, o Haiti está nesse patamar conjuntamente com outros países africanos, sendo muitos deles países que também receberam operações de paz da ONU: Uganda (159), Ruanda (160), Malawi (174), República Democrática do Congo (175), Libéria (175), Mali (184), Burundi (185), República Centro-africana (188), como alguns exemplos.

Somado ao contexto de tráfico de ilícitos, é crescente o número de armas dentro do Haiti a partir do comércio internacional nos últimos anos, segundo dados do SIPRI em 2020. O Haiti não produz armas e munições, sendo Estados Unidos o principal país exportador. Nem todas as armas que entram são devidamente registradas, cabendo ao destino de muitas delas serem empunhadas por grupos armados e cuja rota nem sempre é detectada pelas autoridades no aeroporto da capital, Porto Príncipe. Saenz (2021) sinaliza entre as diversas gangues (grupo armado) o G9, por exemplo, o “Grupo dos 9 em família e aliança” que disputam poder territorial, desafiando as autoridades estatais. Já ostentaram armas pelas ruas da capital andando armados e sem a devida punição ou impedimento pela PNH (SAENZ, 2021). O G9 foi criado por um policial exonerado e tem a composição de grupos armados rivais, tal como Grand Ravine e Chrisla, numa dinâmica muito parecida a determinadas áreas no Brasil onde o crime organizado disputa controle de território para manter o tráfico de drogas. Assim, situa-se o Haiti como uma realidade não muito distante da dinâmica de segurança pública brasileira, embora o emaranhado da dinâmica do crime organizado haitiano esteja ainda se estabelecendo e, talvez, seguindo uma dinâmica mais próxima a conjuntura salvadorenha ou até mesmo guatemalteca.

Mesmo após anos de operações de paz dos anos 1990 para treinar a PNH, além da atividade de doadores internacionais no transcorrer do mandato da MINUSTAH, o Haiti

parece seguir o mesmo destino violento dos países centro-americanos continentais (Honduras, Guatemala, El Salvador, Nicarágua). Mas, o que faz do Haiti um país peculiar quanto a realidade latino-americana?

Certamente, é um dos poucos de colonização francesa e o único que conquistou independência em 1804, sendo conhecida por uma exitosa revolta de haitianos escravizados no período colonial que conseguiu vencer até mesmo tropas mercenárias contratadas pela França napoleônica. Em que pese intervenções militares, a primeira foi a dos Estados Unidos no século XX, feita por *marines* que estiveram na administração da ilha de 1915-1934 (SCHMIDT, 1995). Tal momento fez eclodir o movimento social negritude, de resgate as origens afro-descendentes populares haitianas, na compreensão de que a presença estrangeira não era desejada. A herança desse período foi a articulação popular contra a elite eleita pelos *marines* pra entrelaçar interesses privados estadunidenses com os da elite haitiana (MATIJASCIC, 2014).

Na construção desse tecido social já rompido, a Constituição foi redigida por Franklin Delano Roosevelt (INTERVENTION..., 2021) e foram treinados militares que não se ativeram aguerridamente a defesa nacional, mas sim a preservar interesses da elite haitiana associada aos interesses privados estadunidenses. Semelhante a outros países centro-americanos, militares fariam o papel de manutenção da ordem interna (MATIJASCIC, 2014) com o intuito de preservar interesses das elites políticas e econômicas, associadas a potência hemisférica.

Mesmo com a gestão retoricamente defensora da liberalização de regimes autoritários na América Latina, como foi o caso da gestão americana de Carter (1977-1981), os duvalieristas (1957-1986) conduziram a política centralizadora e não-revolucionária no país, e receberam a missão internacional para preparar militares para reprimir revoltas sociais enviada pela gestão Carter. Isso resultou nos *Leopard Corps* (HAGGERTY, 1991). Ironicamente, a repressão social não foi contida e as revoltas populares cresceram durante os anos 1980. Entre os anos de 1986 e 1990, uma sucessão de golpes de Estado e violações de direitos humanos ocorreram e foram acompanhadas pela OEA e ONU até que, no desenrolar da experiência da verificação das eleições da ONU na Nicarágua, uma missão internacional da OEA e ONU verificou as eleições no Haiti e declarou o primeiro presidente eleito da década de 1990, Jean-Bertrand Aristide.

Deste rápido resgate histórico, pode-se dizer que o périplo haitiano que alcançou a atual dinâmica de gangues haitianas tem origem na guarda presidencial duvalierista, não mantida por orçamento do Estado (SEITENFUS, 1994) e que sobreviveu do tráfico de ilícitos para que permanecessem fieis a função de dar segurança a François Duvalier e depois a Jean-Claude Duvalier. Uma vez desfeita a política ditatorial duvalierista nos anos 1980, a articulação entre grupos armados e política perdurou nos anos 1980 e 1990 em outros termos: não seria mais aceitável ter um presidente ditador alimentando uma guarda presidencial, mas a rede do crime já havia sido tecida e as novas dinâmicas se reorganizariam para manter essa atividade ilícita no país.

Uma vez dada a saída tantas operações de paz do Haiti, há alguns elementos que não contribuem para a segurança pública no Haiti. Destacou-se a inserção do narcotráfico no período da Guerra Fria, acompanhado do desenrolar da atividade ilícita mesmo no transcorrer da execução dos mandatos das operações de paz (UNODC, 2009).

A partir do momento que não há missões internacionais, a cooperação internacional para o desenvolvimento diminuiu, logo, caberia ao Estado haitiano assegurar os serviços públicos básicos para a população. Ao que pese o diagnóstico do quadro da pandemia, avalia-se, ainda que de maneira muito breve, que há dificuldades enfrentadas por autoridades haitianas quanto a promoção de serviços públicos de qualidade no país.

Da pobreza já existente e sem investimentos estrangeiros, a incerteza política cresce na medida que as soluções não são oferecidas. Dessa maneira, o crime e as gangues encontraram terreno fértil para crescer e competir com o Estado haitiano e, porventura, podem encontrar aliados no próprio governo corrompidos pelo lucro em benefício próprio. Por mais que se insista na lógica democrática, o crime organizado também se acomoda a essa dinâmica. Nestes termos, as autoridades (parlamentares, judiciais, policiais, governamentais) podem ser tornar ocultamente aliadas ou enfrentar a formação dessas redes. O que o assassinato do presidente Moïse releva? Ainda não se pode afirmar nada, enquanto não existe investigação concluída. Não obstante, isso pode ser o sintoma da disputa de poder entre crime organizado e autoridades haitianas cujo cenário de superação é bastante desafiador para a/o próxima/o presidente do país. Essa conjuntura coloca o Haiti em paralelo a países centro-americanos continentais que enfrentam há anos o crime organizado, com muitos desafios e fazendo com que a população perca o espaço

compactuado da proteção do Estado para ser “protegida” pelas gangues numa lógica impositiva.

## REFERÊNCIAS

HAGGERTY, Richard A. (ed). **Dominican Republic and Haiti: country studies**. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1991.

HAITI - Drug Trafficking : The Haitian Justice extradited Grégory Georges in the United States. **Haiti Libre**. 4 maio 2019. Disponível em: <<https://www.haitilibre.com/en/news-27640-haiti-drug-trafficking-the-haitian-justice-extradited-gregory-georges-in-the-united-states.html>>. Acesso em 13 out. 2021.

INTERVENTION in Haiti. **Digital History**. Disponível em: <[https://www.digitalhistory.uh.edu/dispatch\\_textbook.cfm?smtid=2&psid=3163](https://www.digitalhistory.uh.edu/dispatch_textbook.cfm?smtid=2&psid=3163)>. Acesso em 13 out. 2021.

MATIJASCIC, Vanessa Braga. **Haiti: segurança ou desenvolvimento no início dos anos 1990**. Curitiba: Appris, 2014.

OUR WORLD IN DATA. Coronavirus (COVID-19) Vaccinations, Disponível em: <[https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID\\_WRL](https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID_WRL)>. Acesso em 13 jul. 2021.

PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2020: A próxima fronteira – O desenvolvimento humano e o antropoceno**. Disponível em: <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr\\_2020\\_overview\\_portuguese.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2020_overview_portuguese.pdf)>. Acesso em 13 jul. 2021.

SAENZ, Maria Paula. Haiti's Mighty G9 Gang Alliance Tries to Keep it Together, **Insight Crime**. 14 jun. 2021. Disponível em: <<https://insightcrime.org/news/haitis-mighty-g9-gang-alliance-tries-keep-together/>>. Acesso em 14 out. 2021

SCHMIDT, Hans. **The United States Occupation of Haiti, 1915-1934**. Nova Brunswick: Rutgers, 1995.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti: a soberania dos ditadores**. Porto Alegre: Sólivros, 1994

SIPRI. **Yearbook 2020**. Armaments, Disarmaments, and International Security, disponível em: <[https://sipri.org/sites/default/files/2020-06/yb20\\_summary\\_en\\_v2.pdf](https://sipri.org/sites/default/files/2020-06/yb20_summary_en_v2.pdf)>. Acesso em 13 out. 2021.

UNODC. **Security Council debates "devastating impact" of drug trafficking**. 9 Dec. 2009. Disponível em: <<https://www.unodc.org/unodc/en/frontpage/2009/December/security-council-debates-devastating-impact-of-drug-trafficking.html>>. Acesso em 13 out. 2021.